

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Curso de Especialização: Gênero e Diversidade na escola – polo Campos Gerais

Aline Narciele Pereira

Considerações sobre o racismo: um estudo com alunos do Ensino Médio no município de Cambuquira

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Programa de Pós-Graduação em Gênero e Diversidade na Escola

2016

Aline Narciele Pereira

Considerações sobre o racismo: um estudo com alunos do Ensino Médio no município de Cambuquira ,

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de especialização:
Gênero e Diversidade na Escola da
Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Programa de Pós-Graduação em Gênero e Diversidade na Escola

2016

Considerações sobre o racismo: um estudo com alunos do Ensino Médio no município de Cambuquira

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Especialização:
Gênero e Diversidade na Escola com o
requisito da obtenção do título de
especialista.
Sob a orientação da tutora e professor:
Vanessa Andrade de Barros**

Orientadora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Banca Examinadora

**Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Gênero e Diversidade na Escola
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante mais uma etapa na minha vida profissional e acadêmica.

Agradeço também aos meus familiares, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, e de modo especial sempre estiveram presentes em meu pensamento.

Agradeço também aos professores e colegas pela convivência e pelas experiências partilhadas em nossa jornada.

Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia mais.

José Saramago

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a influência dos elementos de raça e etnia na formação de projetos de vida de alunos em uma escola pública no município de Cambuquira, Minas Gerais. Como objetivos específicos: realizar discussão teórica sobre influências de raça e etnia no contexto escolar além de conhecer os planos e o que estes alunos esperam de seu futuro; compreender a importância de expor as diferenças e respeitá-las. Trabalhamos com pesquisa bibliográfica e com resultados de aplicação de um questionário a 30 alunos do ensino médio para obter dados relativos ao perfil social e suas perspectivas para o futuro após a formação, tais como faixa etária, definição étnica, com quem reside, renda salarial, se estão empregados e sua pretensão escolar. Utilizamos igualmente nossas observações ao longo do trabalho como professora nesta escola. O trabalho demonstra sua importância uma vez que se busca saber o quanto determinante pode ser, na vida desses indivíduos a questão de raça e cor para seu desenvolvimento profissional e social. Como observei em minha prática diária como professora, trata-se de uma situação que se mostra importante e indica a importância de se focar o interior da escola, principalmente para os relacionamentos que são estabelecidos entre profissionais que neste meio atuam e também com relação à comunidade como forma de esclarecer e aprender sobre a realidade que permeia o mundo contemporâneo. Através da consulta a obras, publicações científicas e artigos em sites da internet em um trabalho de natureza bibliográfica procuramos abordar o tema proposto, destacando também aspectos envolvendo o racismo e o quanto a questão racial limita as oportunidades para essas pessoas melhorarem sua condição social e pessoal. Como resultado temos que de fato a variável raça possui forte influência nos projetos futuros dos alunos participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Racismo. Alunos de ensino médio. Perfil Educacional. Escola Estadual.

ABSTRACT

This work has as main objective to analyze the influence of race and ethnic elements in the formation of student life projects in a public school in the city of Cambuquira, Minas Gerais. Specific objectives: achieve theoretical discussion of influences of race and ethnicity in the school context besides knowing the plans and what these students expect from their future; understand the importance of exposing the differences and respect them. We work with bibliographic research and application of results of a questionnaire to 30 high school students to obtain data on the social profile and its prospects for the future after the training, such as age, ethnic definition, with whom lies, wage income, if you are employed and your school claim. We also use our observations throughout the work as a teacher at this school. The work demonstrates their importance as it seeks to know how determinant may be in the lives of these individuals the question of race and color for their professional and social development. As I noted in my daily practice as a teacher, it is a situation that proves important and indicates the importance of focusing on the inside of the school, mainly for the relationships that are established between professionals in this medium work and also regarding the community as a way to clarify and learn about the reality that permeates the contemporary world. By consulting the works, scientific publications and articles on websites in a bibliographical work we seek to address the theme, also highlighting aspects involving racism and how the racial question limits the opportunities for people to improve their social status and personal . As a result we have to actually race variable has strong influence on the future projects of research participants students.

Keywords: Racism. high school students . Educational profile. Public School.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.....	06
2. DEFININDO RACISMO	09
2.1 Compreendendo o racismo	10
2.2 O racismo no Brasil	11
2.3 O racismo na sociedade brasileira: uma forma velada de preconceito	12
2.4 As escolas doutrinárias e as teorias racistas alimentando o imaginário social ..	14
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4. DADOS DO QUESTIONÁRIO	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1 INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Sabemos que o nosso país é rico por sua diversidade étnico racial, sendo assim discutiremos temas relacionados à raça e etnia, interrogando sua influência no ambiente escolar.

O presente estudo busca analisar o perfil de raça com relação ao futuro profissional e o modo de vida dos estudantes da E.E.C.S que cursam o terceiro ano do ensino médio. Buscamos compreender os objetivos dos alunos do 3º ano do ensino médio em relação a sua expectativa de futuro profissional e de projetos de estudos. A escola E.E.C.S no município de Cambuquira-MG, possui aproximadamente 1.100 alunos que cursam do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio e que atende nos três turnos; matutino, vespertino e noturno. Questões como nível de escolaridade, o modo como veem as organizações sociais e de rendimentos foram abordados pela pesquisa de campo e realização de um estudo bibliográfico. Analisou-se as expectativas que os alunos do ensino médio possuem com relação a sua futura carreira profissional e/ou curso de formação, buscando compreender como as questões raça e classe social interferem nos projetos de vida e interesses desses adolescentes.

Adquirir mais conhecimento e tornar-se mais preparado para a acirrada competitividade do mercado é algo que está na cabeça de todos os trabalhadores porque da mesma forma que o mercado alargou suas fronteiras, o risco do desemprego aumentou, pois as exigências de formação e qualificação também aumentaram. Isso se reflete nos estudantes gerando insegurança e a busca por uma área de interesse que, conforme demonstrado no questionário aplicado almejam horizontes não tão distantes, limitados a uma condição social onde não há perspectiva de crescimento pessoal e profissional, contando uma condição de vida precária sequer ousam sonhar em fazer uma faculdade.

Não me colocando em uma condição abastada por ser professora, mulher caucasiana, loira, o que foge aos padrões brasileiros, mas que sonha com uma sociedade igualitária, ainda que nos limites da utopia senti a necessidade de estudar melhor esse contexto social onde as pessoas de uma forma muito perversa são relegadas à margem das oportunidades e de uma condição de vida melhor. O interesse na pesquisa partiu da preocupação com o número de evasão de alunos

negros e pardos durante o ensino médio em uma pequena escola do sul do estado de Minas Gerais. Ao todo, estima-se que há mais de 3,8 milhões de brasileiros entre 4 e 17 anos que não frequentam a sala de aula, segundo informações obtidas nos micro dados do Censo Demográfico de 2010 e compiladas em um recente estudo do Unicef (UNICEF, 2012). Dados do relatório “Crianças Fora da Escola 2012”, também da Unicef, apontam que mais de um milhão de crianças e adolescentes, entre 6 e 14 anos, encontram-se trabalhando no Brasil, dessas 34,60% são brancas e 64,78% negras. Sendo o número de evasão no ano de 2015 na E.E.C.S foi de 5,3% no ensino médio, dentre este dado 60% dos alunos são negros e pardos (Educacenso, 2015).

Nesse período de vida, o trabalho infantil é uma das principais causas do abandono escolar. Metodologicamente realizamos uma pesquisa exploratória onde trabalhamos com pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa exploratória é largamente utilizada na realização de estudos preliminares objetivando o aspecto primordial do trabalho, pretendendo-se familiarizar-se com o fenômeno que está sendo investigado, de maneira que a pesquisa subsequente possa ser concebida com uma melhor compreensão e precisão.

A pesquisa exploratória pode ser feita de várias maneiras com diferentes técnicas, mas comumente é realizada a partir de uma pequena amostra, ensejando ao pesquisador definir seu problema de pesquisa e também formular hipóteses com maior precisão (PIOVISAN,1995). Com o apoio da direção da Escola. Estadual.C.S no município de Cambuquira – MG, foram aplicados 30 questionários aos alunos do Ensino Médio com o objetivo de buscar informações sobre o perfil desses alunos e realizar análises preliminares sobre o que esperam de seu futuro e que tipo de carreira almejam. A aplicação deste questionário aconteceu em uma experiência pessoal lecionando para os alunos do Ensino Médio de uma pequena escola no município de Cambuquira, sul de Minas Gerais. As perguntas foram cuidadosamente elaboradas de modo a condizer com as expectativas e as informações que se desejava obter. Participar com os alunos de seus sonhos, conhecer a realidade e o que de fato planejavam para suas vidas foi um desafio gratificante e de grande conhecimento e crescimento pessoal.

Tivemos o cuidado de elaborar perguntas que fossem pertinentes ao que se pretendia com essa pesquisa, de forma clara, simples e objetiva dando um

panorama geral da situação social em que os entrevistados vivem, e, com poucas palavras extraindo as informações mais importantes para se estabelecer parâmetros que foram transcritos na análise e discussão deste trabalho.

Além dessa análise, traçamos uma linha de estudo quanto aos conceitos de raça e etnia . Em seguida, falamos sobre as políticas públicas voltadas para a identidade do negro hoje no contexto escolar, abordando preconceito racial e quais impactos podem causar na vida do sujeito, o que irá refletir ao longo dos anos.

Apresentamos uma primeira discussão sobre racismo e em seguida passamos aos dados do questionário e considerações finais.

2. Definindo Racismo

Como forma de melhor compreender os processos em que se dão questões conflituosas envolvendo problemas raciais, é necessário fazer uma breve releitura sobre o problema do racismo e sua origem através de uma definição no contexto histórico.

Ao longo da história de desenvolvimento da civilização ocidental, a desigualdade nas sociedades humanas, por mais rudimentares que elas foram, acontecia de formas variadas: seja pela diferença de sexo, por conquista e ocupação de outras sociedades e nações, através a escravidão ou mesmo colonização de outros povos, e num período mais recente, pela migração de indivíduos de outras nacionalidades para Estados capitalistas mais ricos e desenvolvidos, na condição de trabalhadores (GONÇALVES, 2012)

Esse modelo de desigualdade temporária (cultural, social e política) em uma desigualdade permanente, biológica é proveniente da ideologia cientificista que remonta ao século XIX.

Todavia, a explicação racial e a justificativa para certas práticas nesse contexto tem perdido sua legitimidade científica e, nesse caso, a explicação para uma suposta inferioridade cultural.

Ao longo da história, grupos humanos numa condição de subordinação começou a encontrar justificativa no padrão do tratamento desigual entre seres humanos (podendo acontecer numa situação de aprisionamento ou de conquista) não necessariamente acontecendo por força ou mesmo pelo exercício de poder dos conquistadores, acontecendo sim por conta da desigualdade imanente que acontece entre as diversas raças humanas. (RODRIGUES, 2011).

Trata-se de uma espécie de doutrina que procurava classificar e explicar as diferenças entre raças e a sua condição de desigualdade e posição social e tratamento, definindo assim os direitos de colonizadores e colonizados. Enfim, constitui uma doutrina racista que encontrou legitimidade no direito e na biologia.

Atualmente, no Brasil e nos Estados Unidos assim como na África do Sul essa doutrina e a ideologia que esta divulgava deveria estar superada, mas o que se vê é uma ocultação do racismo por força da lei.

Os caminhos pelos quais essas sociedades chegaram a essa evolução diferem em sua trajetória, deixando marcas e contextualizando a sociedade de formas diferentes produzindo um sentido característico e particular ao que se denomina de racismo (RODRIGUES, 2011).

2.1 Compreendendo o racismo

O que pode ser compreendido como racismo na sociedade contemporânea e o que se extrai disso em termos de informação para conhecimento sobre a situação do preconceito, é o que se extrai deste item.

A princípio, toda justificativa ou tratativa tentando explicar as diferenças raciais, preferências ou privilégios e desigualdades entre seres humanos com base na questão de que determinada raça pode, pode ser entendida como racista haja vista que não existe um embasamento científico para sustentar o que se denomina de “raças” tenha qualquer realidade metassocial ou física.

Com isso explica-se que apontar desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à “raça”, implica em atribuir legitimidade a diferenças sociais partindo de distinções de ordem biológicas (GONÇALVES, 2012).

Em uma segunda posição, o conceito de superioridade ou mesmo inferioridade cultural de povos, etnias ou grupos, implica na substituição do conhecimento de raça nos discursos de natureza oficiosas, justificando e dando sustentação a desigualdades e diferenças. (GONÇALVES, 2012)

Com isso, denota-se que a “cultura” pode se transformar em uma definição ao mesmo tempo fixa e metassocial quanto a “raça”. Isso se define por uma manipulação de um carisma racial sob a justificativa culturalista.

Dessa forma, verifica-se que racismo pode fazer menção não somente a doutrinas, mas atitudes que significa tratar alguém de forma diferente, discriminando-a e, por outro lado, preferência que implica numa hierarquização de gostos e valores estéticos.

Por outro lado, o racismo pode ser definido não mencionando apenas as atitudes, ações ou preferências individuais, mas também com relação ao sistema social, onde se torna viável grupos humanos com características como cor de pele, por exemplo, são sujeitados a uma condição de inferioridade em termos político, econômico, social e cultural (GONÇALVES, 2012).

2.2 O racismo no Brasil

Para iniciar sobre o racismo no Brasil, é preciso recordar que da história brasileira, menos de ¼ dela se passou livre da escravidão.

Até o momento, avanços significativos foram alcançados, porém sem grandes transformações, principalmente com relação ao modo de pensar da população.

O primeiro aspecto a ser combatido com relação ao racismo é o conceito de que ele não existe aqui no Brasil. E nesse sentido Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala bem definiu o fato do Brasil ser “um país cultural e estruturalmente racista, construído sobre a escravidão e que nos anos 30 desenvolveu um discurso *sui generis* para substituir o discurso da supremacia racial”.

Ocorre que essa forma de pensar que implica na sugestão de uma miscigenação pacífica e fraterna entre brancos, negros e índios, de fato tem utilidade apenas como uma cobertura para a opressão racial, que se constitui num dos pilares fundamentais para a manutenção da desigualdade social existente no Brasil.

Destaque-se que no Brasil não aconteceu uma segregação racial de forma tão violenta quanto a ocorrida nos Estados Unidos, principalmente em meados da década de 60, no século passado. Porém isso não quer dizer que a vida da comunidade negra tenha sido muito melhor.

No caso dos Estados Unidos, o conflito racial surgiu de forma mais aberta, mais clara e de forma diferente da ocorrida no Brasil onde sua presença se mostra essencialmente velada, maquiada e é negada por integrantes da sociedades mesmo que de uma forma socialmente falando está presente e instalada de forma permanente na vida dos brasileiros.

É evidente que o racismo é um fato notório no Brasil, o que podemos observar também como na mídia o negro fatalmente é relegado a um segundo plano nos programas televisivos. Discretos avanços como programas dominicais que de uma forma um tanto quanto distorcida ou até mesmo equivocada tenta ressaltar o valor da cultura afro-brasileira, mas que acaba tendo um efeito perverso criando situações de preconceito ainda maior com os negros. O racismo se mostra evidente, principalmente nos programas de televisão onde de uma forma bastante explícita surgem avanços como programas de televisão a exemplo do Esquentá!, da Regina Casé, na rede Globo.

Mesmo com o esforço da apresentadora e de sua luta em defesa da dignidade do povo preto e pobre, o programa nada mais é do que uma reprodução da ideia de miscigenação alienante porque ele não faz nada além de reproduzir o estereótipo do negro, de sua condição social. Trata-se da propaganda da conciliação de classes explícita onde o Olodum e o Afrorreggae aparecem como amigos da Fiesp ou do Agronegócio. Pretos sorridentes e felizes interagindo com artistas brancos igualmente sorridentes com seu status quo bem resolvido, juntos e misturados, como se isso se repetisse no cotidiano da vida. Mas sabemos que não é assim.

Legitimamente falando, o racismo marca presença nas forças de repressão do Estado, no momento em que estabelecem o estereótipo de que todo pardo e preto são suspeitos, conforme aconteceu em uma ordem oficial da polícia militar na cidade de Campinas, e, nas estatísticas onde o número de homicídios e mortes de negros anualmente é muito expressiva. (Blog Estadão Geral, 2013)

3 O racismo na sociedade brasileira: uma forma velada de preconceito

Uma elite teimosa, branca e que há muitos anos se acostumou a não aceitar o ingresso de negros no seu convívio social – acostumada a uma padronização em que brancos vivem na casa grande e negros na senzala, remete-nos a publicação que tratou sobre esse assunto no início do século passado onde era bem explicada, as vezes de forma metafórica a condição do negro na sociedade brasileira.

Um sujeito que tinha uma participação importante na economia do país mas que pouco desfrutava dos benefícios trazidos com o progresso que ele mesmo ajudou a construir. Em essência, o ser humano tende a rejeitar tudo que é diferente e que é imposto pela própria sociedade dentro do que se compreende por “socialmente aceitável” e, dentro dessa realidade, pessoas que fogem a esse padrão por inúmeras razões seja, cor, classe, condição econômica e cultural tendem a ser relegadas a uma subcondição de cidadania onde direitos lhes são negados e sua participação se torna limitada.

A sociedade é quase unânime em dizer que no Brasil, com base na definição de democracia racial que o preconceito contra os negros e seus descendentes não existe. Mas o que de fato se vê na prática do dia-a-dia são brincadeiras e piadas, ou seja, não se enquadram essencialmente na definição de racismo.

Mas, o que se constata é que as brincadeiras e chacotas focadas nos negros se traduzem em um tipo de violência no âmbito físico e psicológico.

Ao tratar sobre as brincadeiras e piadas direcionadas aos negros pela sociedade brasileira, Valente (1987, p. 24), classifica que “elas traduzem que os negros na sociedade brasileira não são respeitados. São considerados ignorantes, raça inferior, sujos e perigosos”.

Com isso, denota-se que tais brincadeiras tem em sua essência uma carga de preconceito racial.

Dessa forma, é possível afirmar que o racismo constitui um dos motivos principais para agressões entre negros e seus descendentes. Trata-se de uma violência que pode acontecer tanto de uma forma brutal por parte das autoridades policiais quanto pelo assassinato de forma covarde, sem chance de defesa de algum jovem inocente, principalmente por conta de sua origem social ou cor.

Ainda corroborando com esse quadro, não faz muito tempo que se realizou um estudo pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), demonstrando dados preocupantes sobre a situação dos negros na sociedade brasileira (CARNEIRO, 2005, p. 09)

Conforme as informações e números levantados, as chances de um indivíduo negro ser assassinado no Brasil são muito maiores do que de uma pessoa de outra etnia: “isso implica em dizer que a grande maioria dos homicídios que acontecem no Brasil atingem pessoas jovens principalmente na faixa dos 15 aos 29 anos.

Com isso, infere-se que o negro sofre uma discriminação duplicada tanto por sua condição socioeconômica quanto pela cor de sua pele. E essas discriminações associadas contribuem para a explicação de uma incidência maior no número de homicídios de negros vis-à-vis o resto da população brasileira.

O racismo se trata de uma construção que possui uma ramificação intelectual sistemática, intensiva que está impregnada na mentalidade das pessoas. Por essa razão, as conclusões que se pode tirar são a de que ele certamente existe de fato no Brasil e também que ele possui uma dimensão histórica importante a ser levada em consideração.

Denota-se que o preconceito de cor ainda é muito latente na sociedade brasileira. Nesse sentido, Carneiro (2003, p. 05), afirma que: “o Brasil sempre procurou sustentar a imagem de um país cordial, caracterizado pela presença de um povo pacífico, sem preconceito de raça e religião [...]”. a autora ainda completa

dizendo “sempre interessou ao homem branco a preservação do mito de que o Brasil é um paraíso racial, como forma de absorver tensões sociais e mascarar os mecanismos de exploração e de subordinação do outro, do diferente”. (CARNEIRO, p. 05, 2003).

Com isso, a ideologia de inferioridade dos negros, que foi sendo forjada e alimentada durante gerações e gerações, séculos e séculos por europeus e também pelas elites brasileiras baseando-se em teorias de natureza teológica e até mesmo “científicas” o submeteu a uma vida subjugada na sociedade, mas os mesmos foram criando estratégias para conseguir exercer sua cidadania de forma plena.

Trata-se de um processo que emoldurou um quadro com a imagem negativa do negro, relegando-o a condição de “marginalizado” perante a sociedade brasileira, frequentemente não desfrutando das mesmas oportunidades de progredir econômica e socialmente.

Nos últimos tempos, principalmente nas duas últimas décadas verifica-se uma procura maior por inserir-se na sociedade brasileira exercendo seus direitos, participando da transformação social nos aspectos cultural, político e social.

2.4 As escolas doutrinárias e as teorias racistas alimentando o imaginário social

Segundo informações da bibliografia consultada para este trabalho, verificou-se a existência de uma espécie de ideologia racial que se mostra presente e atuante no cotidiano escolar.

Ficou claro que ela se mostra presente em atitudes comuns do dia-a-dia e nas práticas educativas escolar como: “Esta aluna é negra, mas é tão inteligente!” ou, “Eu pensava que a professora do meu filho fosse assim.... mais clarinha!”.

Verifica-se que a escola não constitui na sua essência um campo neutro em que os conflitos sociais e raciais permanecem alheios a esse ambiente. Nesse contexto, a escola constitui um espaço sociocultural onde conflitos e contradições convivem intensamente. O racismo, a discriminação racial e de gênero são naturais a cultura e a estrutura da sociedade brasileira, encontrando-se presentes inclusive no relacionamento entre professores e alunos (VIANNA, 2013).

Uma situação de maior dificuldade ainda é a da mulher negra que é duplamente discriminada por razões como sua condição física mais frágil, o fato de vivermos em uma sociedade essencialmente machista, mas, principalmente porque se associou ao estereótipo da empregada a mulher, nessa condição, ainda mais negra (NOVAES, 2011).

Nos últimos anos, nota-se um certo avanço com relação ao número de educadores e educandos atentos a essas questões apesar de ser preferência quase que unanime a discussão apenas dos aspectos socioeconômicos.

Tal fato caracteriza-se por uma atitude essencialmente reducionista uma vez que existem outras formas de relações dentro da instituição escolar e que exercem sua influência interferindo no processo de escolarização (VIANNA, 2013).

A transmissão de valores aos alunos não implicam apenas aos pertencentes a uma determinada classe social, mas inclui também questões raciais e de gênero (VIANNA, 2013).

Nesse contexto, a luta da comunidade negra no Brasil testemunha diversas práticas racistas no seu cotidiano. No universo do Município de Cambuquira, trabalhou-se com o imaginário social daqueles alunos, suas concepções, seus valores e a cultura que, apesar de se tratar de uma escola de uma cidade pequena, legitimaram tais práticas a todo momento. Muitas dessas práticas se mostraram como um dos fatores motivadores da evasão de alunos negros na cidade de Cambuquira conforme se verificou no questionário aplicado (GONÇALVES, 2012).

Nesta pesquisa verifica-se uma concepção sobre o discurso que trata da incapacidade intelectual do negro.

Tal fato nos remete às obras do médico Nina Rodrigues (1862-1906) que era embasado em teses europeias sobre o racismo científico. Mesmo sendo rebatidas por cientistas e intelectuais do ponto de vista teórico, tais teorias encontram-se presentes na prática social atual (NOVAES, 2011).

Trata-se de teorias e concepções racistas que encontram sustentação nos dias atuais e ganham força não apenas entre a comunidade branca, mas também em parcelas da comunidade negra.

Esse comportamento racista assim como as teorias que a sustentam não são fruto do acaso e nem uma transposição do pensamento externo. Passa por um

processo de retroalimentação e legitimam o racismo como um aspecto atuante do imaginário social e da prática social e escolar (VIANNA, 2013).

Ao longo da realização deste trabalho assim como da aplicação do questionário como forma de conhecer o pensamento e o discurso que destaca a falta de ambição e de oportunidades do aluno negro em almejar posições sociais mais importantes.

Ficou claro, inclusive, defendem a mestiçagem como alternativa solução para o “problema racial” – trata-se de uma teoria que teve origem na década de 1920, também presente e atuante no contexto escolar.

O advogado Oliveira Vianna, (1940) apud (NOVAES, 2011) (1883-1951), teve suas ideias difundidas até os dias atuais onde se defendia a tese de que a mestiçagem produziria um novo paradigma racial aproximando-se mais do europeu do que do índio e do próprio negro.

Dessa forma, nota-se na escola a presença de uma ideologia onde o “branqueamento” se mostra como uma tentativa de dirimir e “suavizar” o pertencimento racial dos alunos, considerando-se características de cor a exemplo do “moreninho, chocolate, marronzinho, cor de jambo” ou expressões como “clarear a raça”. (NOVAES, 2011). Entre os próprios negros existe uma tendência a buscar o “branqueamento” da raça onde frequentemente quando indivíduos como estes melhoram sua condição de vida e financeira, buscam parceiras brancas (loiras) para se casar numa tentativa de se autoafirmar participante da sociedade, tentando assim se tornar “branco”.

Nesse sentido, a suposta primitividade da cultura negra se mostra presente no dia-a-dia do município de Cambuquira e também em práticas escolares cotidianas. Um exemplo dessa ocorrência é o que acontece em festividades da escola onde como em comemoração ao dia do folclore, por exemplo, quando os alunos representam as contribuições dos três povos formadores da sociedade brasileira, relega-se um destaque maior ao branco europeu como matriz da formação étnica nacional e o índio e o africano meros adendos promovendo dessa forma uma negação da riqueza nos processos socioculturais que são fundamentais e constituintes da formação da sociedade brasileira.

Outra teoria que se mostra dominante principalmente no contexto educacional brasileiro é a que trata da democracia racial. É bastante semelhante a teoria defendida Gilberto Freyre (1900-1987) onde se divulgava um certo “alívio” com

relação a formação da sociedade brasileira o fato destas etnias conviverem harmoniosamente e sem conflitos. Trata-se de uma teoria que privilegia o discurso da igualdade e omite diferenças dando margem a consideração de que tratar sobre isso é uma forma de discriminar (FREYRE, 1989).

Nas escolas de Cambuquira comprova-se que com relação a questão da miscigenação da sociedade brasileira quando se aborda a questão da miscigenação da sociedade brasileira, mais especificamente de indivíduos da escola demonstrando a todo momento que a todos são assegurados as mesmas oportunidades e o mesmo tratamento. Com isso, infere-se a inexistência de uma diferença que deva ser eliminada e se esta existe, trata-se tão somente a que diz respeito à classe social.

Atualmente, principalmente a partir do final do século XX, o pensamento racista brasileiro vem experimentando reelaborações conforme as transformações da sociedade. Estudos nesse sentido evidenciam a influência que tais teorias exercem no pensamento brasileiro.

Dessa forma, é fundamental que educadores reflitam e discutam atentando para as implicações no pensamento educacional contemporâneo.

Ao longo deste trabalho, foi possível constatar diversos aspectos que demonstraram a relação das teorias até aqui mencionadas permeiam o imaginário brasileiro e estes continuam ativo, apesar de estar em um formato velado na prática social cotidiana.

Com base nessas informações, inúmeras indagações surgem, tais como: até quando a educação e as escolas desconsiderarão a importância sobre os discursos raciais e educação? Como fica a situação dos alunos negros em sala de aula? Até quando rótulos relacionados a uma suposta inferioridade intelectual prevalecerão na sociedade? (RODRIGUES, 2011). Provavelmente são fatos que só serão dirimidos ou extintos de vez no pensamento da sociedade quando de fato evoluirmos e compreendermos a formação do nosso povo que não é necessariamente como muitos gostam de afirmar uma “raça pura”. Se bem que nos dias atuais, com a globalização, com a superação das fronteiras e o contato sistemático entre povos é um pouco confuso tratar sobre “raças puras” sendo que a tendência é uma miscigenação cada vez maior.

São questões que levam muito tempo para serem superadas e encontram-se incutidas num cenário cultural há séculos como acontece no Brasil.

Ocorre a necessidade da construção de uma identidade racial do negro brasileiro que deve iniciar-se na família criando outras ligações e desdobramentos proveniente de outras relações que o indivíduo estabelece.

A situação de exclusão nesse caso, tem seu início desde o momento que o indivíduo negro entra para a escola onde expectativas em torno de tal acontecimento geram ansiedade nele, nos amigos e na própria família. Mas um fato curioso é que ao longo de sua vida escolar, o estudante irá se deparar com a total ausência de mestres negros e a cultura que lhe será transmitida é calcada em padrões brancos.

Dessa forma, ela não se sentirá inserida em um contexto de igualdade uma vez que a as festinhas, cartazes e publicações seguem esse padrão.

Assim, os estereótipos com os quais ela experimentou no meio social que a cerca (vizinhos, amigos, etc.) se tornam ainda mais acentuados no ambiente escolar e de uma forma mais intensamente cruel. Nesse aspecto, a omissão do professor com relação a uma postura clara e coerente é fator determinante para tais acontecimentos, principalmente dentro de sala de aula (GONÇALVES, 2012).

Como observei em minha prática diária como professora, trata-se de uma situação que, se mostra importante e indica a importância de se focar o interior da escola, principalmente para os relacionamentos que são estabelecidos entre profissionais que neste meio atuam e também com relação à comunidade como forma de esclarecer e aprender sobre a realidade que permeia o mundo contemporâneo.

Com isso, infere-se que um trabalho de observação, e da aplicação de um questionário como instrumento de apoio para a elaboração deste trabalho pode trazer algumas informações sobre tal situação.

É uma forma de “ouvir” o que os negros têm a dizer sobre as oportunidades que eles têm e a forma como a sociedade na qual estão inseridos (no caso, o município de Cambuquira) os leva a conhecer os fatores e a complexidade dos problemas que envolvem o cotidiano escolar. São problemas que não se resumem a aspectos socioeconômicos envolvendo a classe baixa brasileira (NOVAES, 2011).

Nesse contexto, a realização de uma articulação entre o ponto de vista antropológico e a seara educacional, enseja a discussão da escola enquanto espaço/tempo baseada em representações, rituais e crenças de um universo simbólico idealizado para uma classe social ou etnia.

É preciso transformar esse paradigma no sentido de que o professor e o aluno sejam sujeitos socioculturais, possuidores de uma importância racial isso porque no papel de ocultar ou mesmo ignorar esse fato, a escola se posiciona gradativamente em uma prática racista, sexista e excludente (VIANNA, 2013).

As diferenças devem ser respeitadas e ter o devido reconhecimento no âmbito educacional. O reconhecimento da diferença constitui plena consciência da alteridade. Dessa forma, as relações raciais e de gênero encontram-se presentes e atuantes na vida das pessoas e com isso é possível romper com o discurso homogeneizante que está em vigor no meio educacional atualmente como forma de reconhecimento em relação ao outro de sua diferença.

Com isso, verifica-se que a participação de negros e pardos no contexto educacional em Cambuquira, ao menos nas situações mais importantes é bastante tímido e o trabalho realizado com questões envolvendo o problema racial na sala de aula pode implicar em uma via para estreitamento de relações com alunos de diferentes etnias, promovendo sua valorização e respeito com relação as suas características culturais incentivando a compreensão de sua história de vida.

Apesar disso, é evidente que constitui uma dificuldade premente essa nova postura e o reconhecimento de uma identidade racial quando o preconceito já é inerente nas próprias pessoas a partir da infância que constitui o momento em que acontece a anulação de suas particularidades, simplesmente para ser “aceito” pelo “semelhante”.

Ocorre que não é o ideal uma atitude de travestir-se em um modelo aceitável pelo as outras pessoas e as consequências podem ser nefastas com relação a uma formação da identidade racial (RODRIGUES, 2011).

E o trabalho abordando questões raciais no ambiente escolar irão evoluir ao passo que os negros consigam romper com as barreiras criadas por um pensamento racista, e, dessa forma, revisando sua própria história redescobrimdo valores culturais e atuando positivamente superando um processo doloroso que há anos persegue os afrodescendentes.

Os professores brancos também não podem se omitir nesse aspecto uma vez que mesmo que indiretamente sofrem os efeitos e as agruras do racismo.

Nesse sentido, segundo Cashmore (2012) “o branco não percebe que está aprisionado na sua brancura”.

Dentre as inúmeras habilidades que devem ser inerentes ao educador, o trato de forma harmônica com relação às questões de ordem racial nas escolas, evidenciam o quão importante é para o imaginário e para os valores racistas da sociedade brasileira (RODRIGUES, 2011).

Esclarece lacunas lastimáveis da formação profissional conforme foi possível verificar no município de Cambuquira que não difere muito dos grandes centros e da sociedade brasileira de um modo geral.

Nesse contexto, existe um despreparo profissional para tratar, enquanto educadores, com sujeitos socioculturais diversos. O racismo que existe nas práticas escolares demonstra o quanto a sociedade e os profissionais de educação precisam evoluir como profissionais-educadores (NOVAES, 2011).

Trata-se de um problema de ordem político-profissional que tem que ser revisto e tratado o mais brevemente possível para melhorar a qualificação dos profissionais no trato social e não apenas em termos didáticos.

Nesse interim, tratar sobre questões raciais e de gênero, principalmente em uma comunidade pequena como o município de Cambuquira, no contexto educacional, abordar as lutas da comunidade negra e principalmente assegurar visibilidade aos sujeitos sociais não pode se tratar de um trabalho efêmero e esporádico (NOVAES, 2011).

Incide em uma nova ordem em termos de postura profissional, num ponto de vista inovador em relação a um convívio social que não se resume aos limites da instituição de ensino e implicam em respeito e reconhecimento da diversidade étnico-cultural da sociedade brasileira atual (NOVAES, 2011).

Tal fator, significa incluir nos currículos e análises sobre a escola de processos que fazem parte da dinâmica social, da comunidade escola e de uma prática social.

Ter-se-á como resultado desta pesquisa, uma análise legítima da realidade racial no município de Cambuquira e porque não dizer, em uma proporção menor, do Brasil, deixando claro o grau de contradição que a sociedade brasileira experimenta em seu cotidiano no travamento de relações sociais, principalmente no trato e nas oportunidades asseguradas a diversos segmentos étnico-raciais, que na maioria das vezes adota uma postura passiva, não discutindo, nem refletindo a respeito desta diversidade étnico-cultural presente no processo escolar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que se infere neste trabalho é que o perfil e o comportamento da sociedade brasileira com relação às questões raciais, principalmente no que diz respeito à igualdade de direitos e o exercício legítimo da cidadania é no mínimo contraditório uma vez que, mesmo tendo tais direitos constitucionalmente assegurados inclusive, estes não são respeitados e muitas vezes até mesmo ignorados por outra parcela da sociedade brasileira.

Importante salientar que é preciso ter a compreensão de que as diferenças étnico-raciais não são eliminadas através da luta pela igualdade. Mas, é importante não deixar que o racismo apague a dignidade das pessoas e que estas continuem a lutar por oportunidades e pela preservação de sua identidade cultural.

A clientela entrevistada encontra-se em uma faixa etária essencialmente acima dos 19 anos entre a maioria dos meninos enquanto que as meninas, nesse aspecto, cerca de 38% estão abaixo dos 19 anos.

Outra resposta importante do questionário aplicado é que 27% dos meninos e 25% das meninas constituíram família revelando a precocidade destes em relação a formação familiar.

Com relação à renda, 68% dos entrevistados enquadram-se na classe média baixa, a emergente classe “C” que surgiu após o Plano Real e aos programas de distribuição de renda dos últimos governos. Mas, é perceptível que há uma inferioridade em termos de percepção salarial demonstrando que os meninos ganham mais que as meninas, também com um nível de escolaridade inferior apesar dos avanços que a sociedade alcançou com a melhoria das oportunidades educacionais dos últimos anos.

A maioria ganha salário mínimo em ambos os sexos almejando estudar até o ensino médio ou técnico o que, implicitamente, estigmatiza o “frequentar uma faculdade” às classes mais abastadas da sociedade.

Nesse sentido, a condição social se mostra mais importante na influência exercida sobre as escolhas profissionais do aluno, muitas vezes obscurecendo oportunidades e o desejo de lutar para ascender a uma situação melhor de vida.

4. DADOS DO QUESTIONÁRIO

Representação das respostas ao questionário

O percentual de meninos e meninas entrevistadas correspondendo a totalidade implica em uma maior presença masculina na sala de aula conforme demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 1. Percentual de meninos e meninas

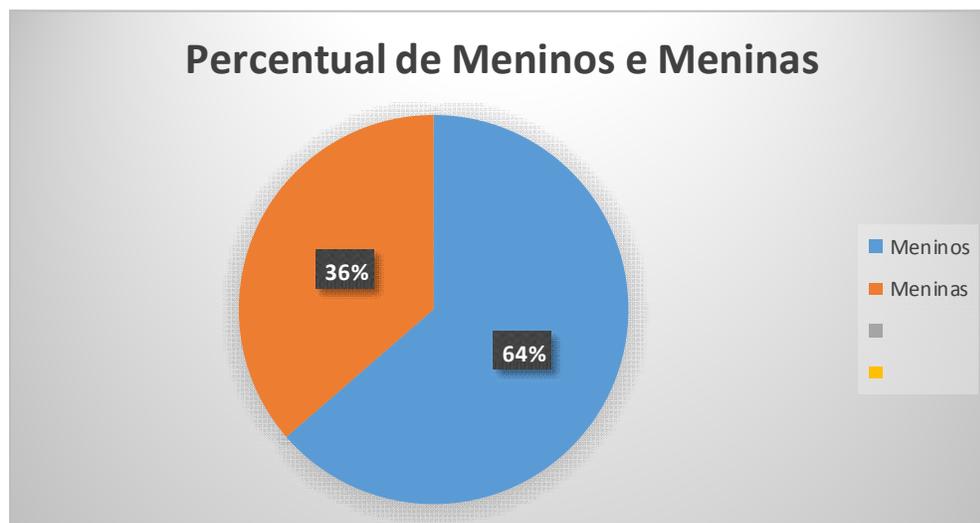


Gráfico 2. Faixa Etária de meninos

Metade dos meninos da sala tem idade de 17 anos, enquanto que cerca de 29% com idade de 18 anos e num percentual menor, de 21% é mais velha com 19 anos de idade.

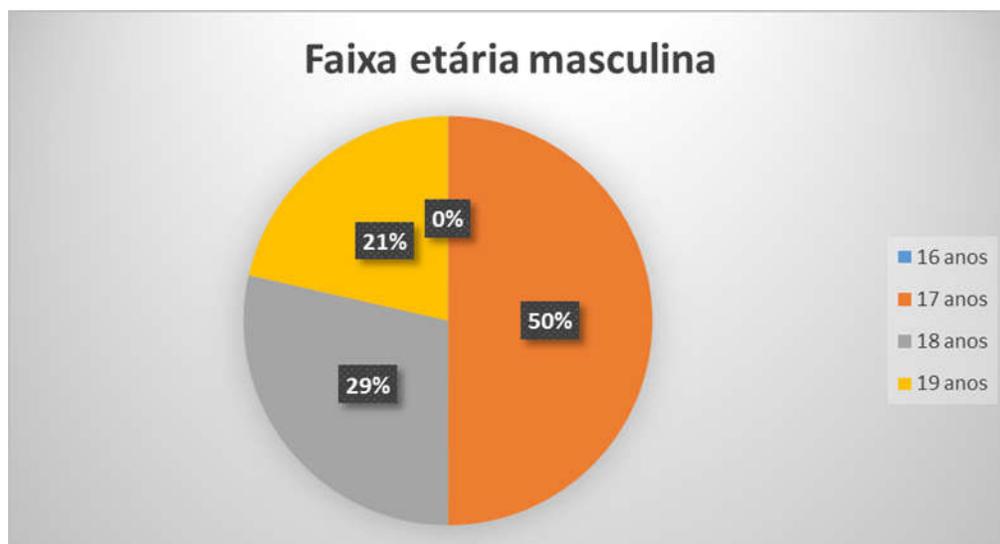


Gráfico 3. Faixa etária de meninas

Situação um pouco diferente acontece com as meninas onde 38% tem idade de 18 anos, enquanto que 37%, idade de 17 anos e 25% 19 anos.

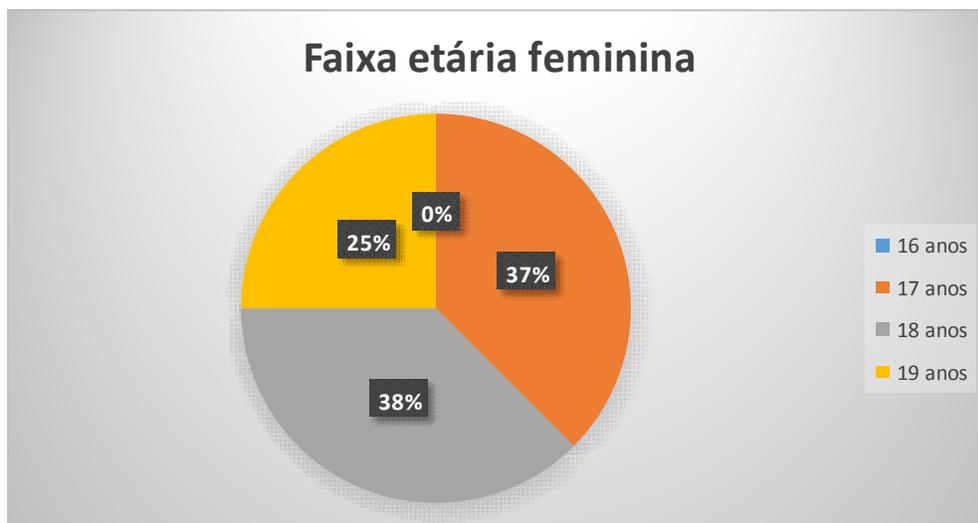
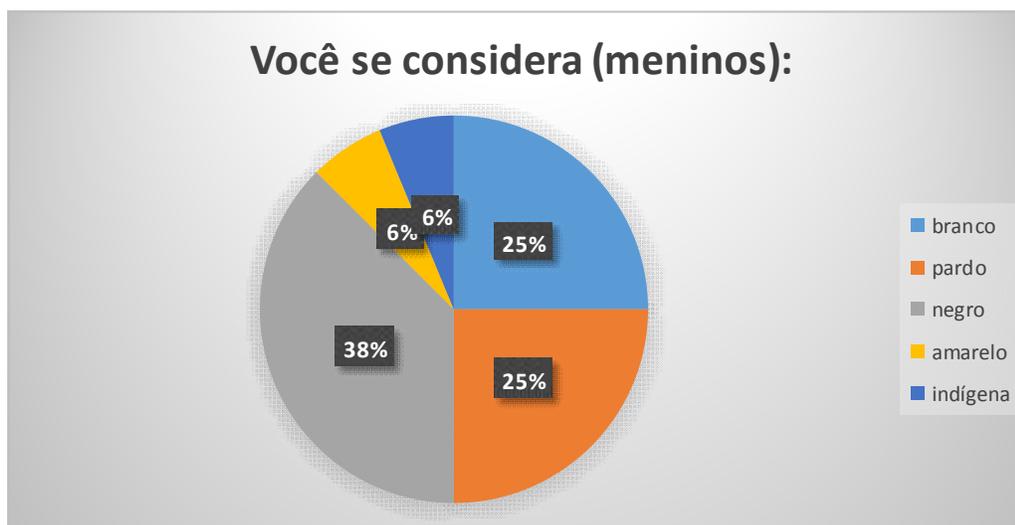
**Gráfico 4.** Definição étnica (meninos)

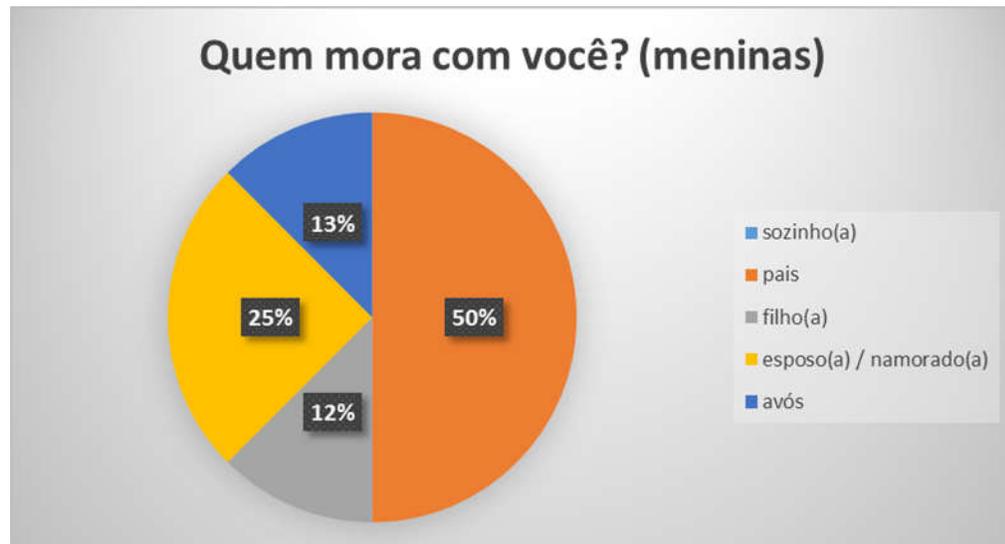
Gráfico 5. Definição étnica (meninas)**Gráfico 6.** Com quem reside (meninos)

Neste gráfico, ficou claro que metade dos meninos vivem com os pais, enquanto que 17% vivem sozinhos e outros 27% constituíram família e moram com seus filhos.



Gráfico 7. Com quem reside (meninas)

Como se pode observar do gráfico abaixo, metade das meninas vivem com os pais enquanto que 25% já constituíram família e vivem com seus esposos, sendo estas as informações mais importantes para compreender o perfil das meninas entrevistadas.

**Gráfico 8.** Renda salarial (meninos)

Como se nota no gráfico 8, a clientela entrevistada caracteriza-se por ser essencialmente de renda baixa, enquadrando-se na classe média baixa com 64% e baixa com 18% do total, enquanto que uma parcela menos significativa percebe uma renda de meio a 1 salário mínimo em 9%.

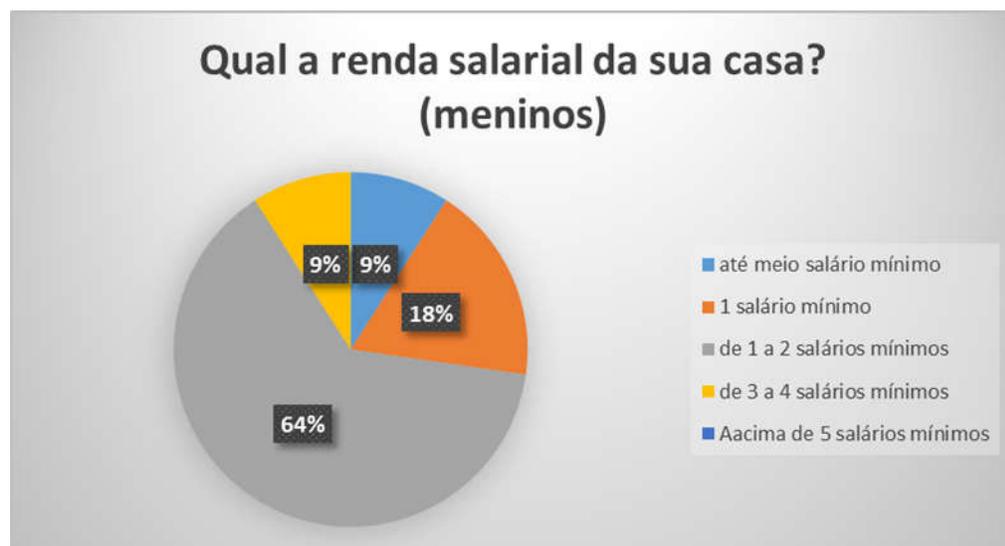


Gráfico 9. Renda salarial (meninas)

No caso das meninas, essa diferença se mostra ainda que elas ganham menos ainda que os homens, o que ocasiona uma situação de dependência financeira de outras pessoas com cerca de 50% ganhando até um salário mínimo. Nas camadas mais altas, (na classe média) existe, porém, um percentual maior de 25% percebendo uma renda melhor que a dos homens com 3 a 4 salários mínimos.

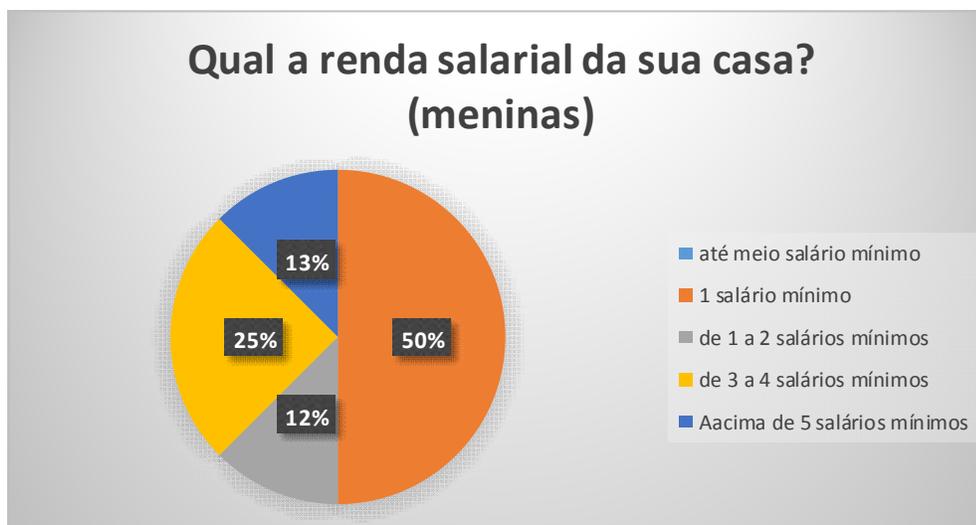


Gráfico 10. Pessoas residentes em sua casa (meninos)

Com relação aos meninos, verificou-se uma situação igualitária, onde há um equilíbrio no tamanho das famílias, não havendo diferenciação com relação aos resultados conforme demonstra ao gráfico 10.



Gráfico 11. Pessoas residentes em sua casa (meninas)

Já com relação às meninas, esse percentual variou bastante. Tal fato se explica por um amadurecimento precoce, o que, conseqüentemente por sua condição social o que as levam a formar famílias com pouca idade.

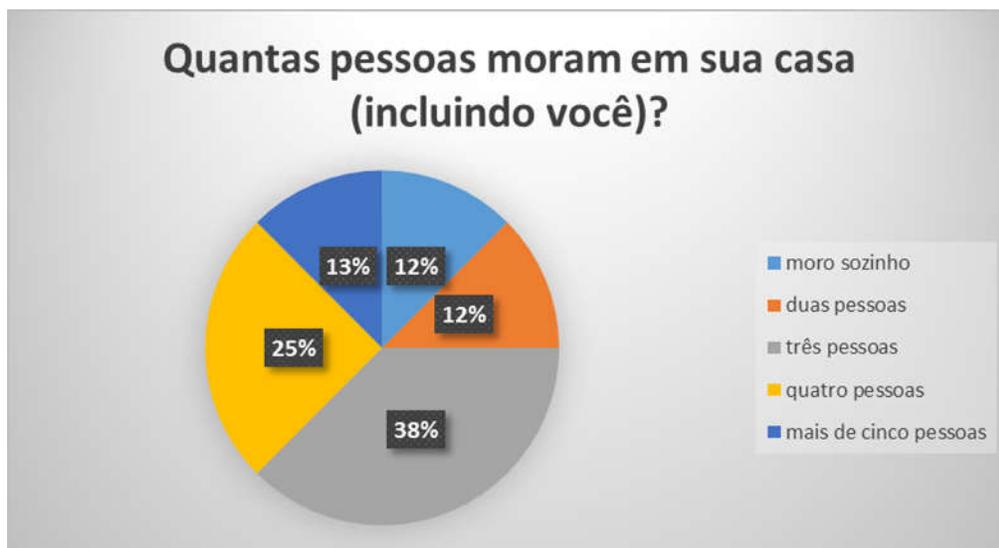


Gráfico 12. A análise do gráfico 12 revela que o nível de escolaridade dos parentes mais próximos dos meninos entrevistados é baixo, o que explica o rendimento também baixo ou assalariado dos mesmos.



Gráfico 13. O mesmo fato ocorre com as meninas entrevistadas, sendo que seus parentes mais próximos se igualam em termos de nível de escolaridade não tendo ninguém com nível superior ou mais.

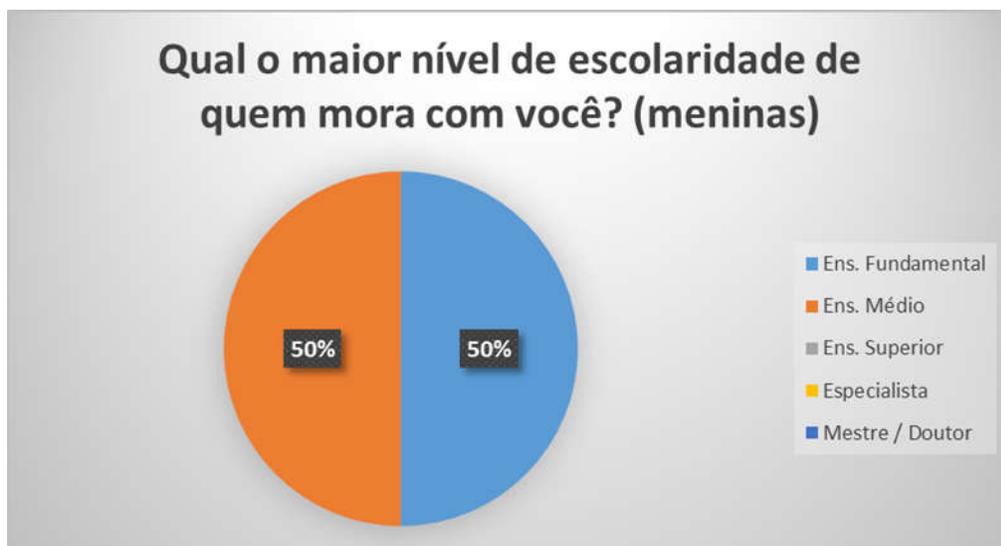


Gráfico 14. Exercício de atividade remunerada (meninos)

Neste gráfico, ficou evidente que uma parcela significativa dos meninos não trabalha (43%), o que implica em uma dependência total dos pais ou de outros responsáveis, assim como 7% deles dependem de auxílios como pensão e mesada.



Gráfico 15. Exercício de atividade remunerada (meninas)

Esse gráfico demonstra como a mão-de-obra feminina não goza das mesmas condições que a masculina já desde o início da vida profissional uma vez que a quantidade de meninas que trabalham sem carteira assinada é significativo e na mesma parcela das que exercem trabalho remunerado no mercado formal.

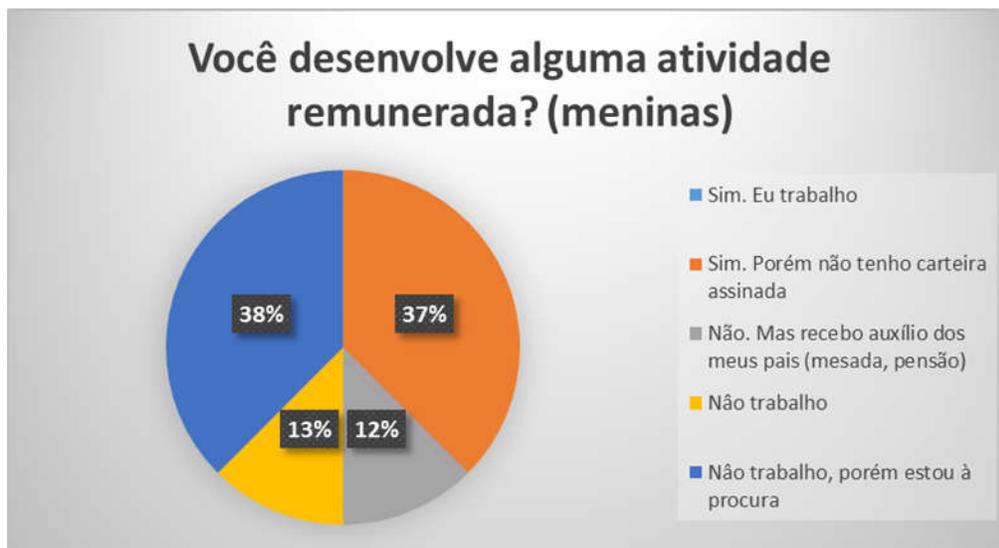


Gráfico 16. Renda mensal (meninos)

Metade dos meninos não possuem renda alguma enquanto que 22% ganham até 100 reais e 21% ganham até um salário mínimo.

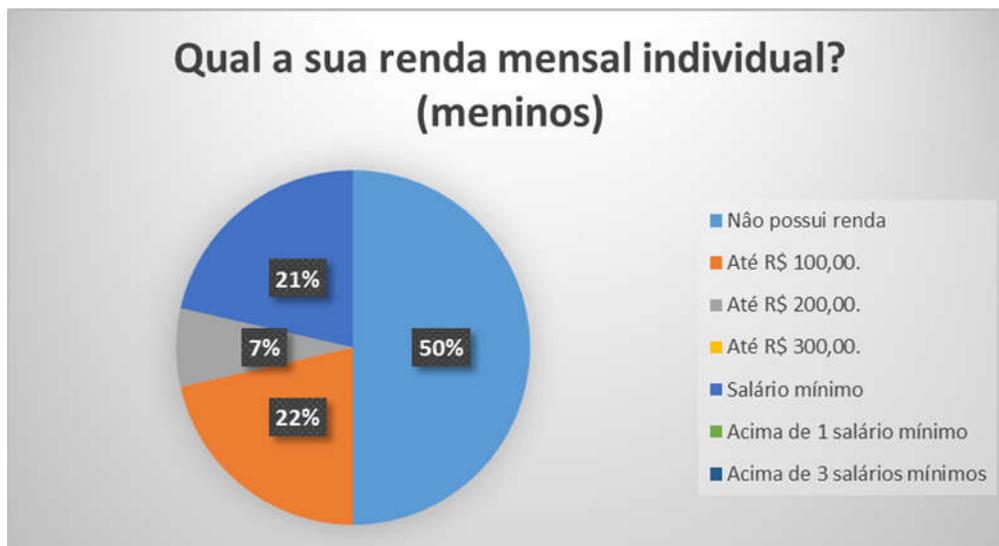


Gráfico 17. Renda mensal (meninas)



Quanto às meninas, metade não possui renda própria enquanto que 25% percebem até R\$ 100,00 e outros 25% percebem até R\$ 300,00 equilibrando a renda nesse contexto.

Gráfico 18. Pretende cursar até qual nível de ensino? (meninos)

Está demonstrando neste gráfico que os meninos não possuem grandes ambições em termos de carreira estudantil compreendendo que chegar ao ensino médio, seja ele técnico ou profissionalizante é o bastante para sua carreira.

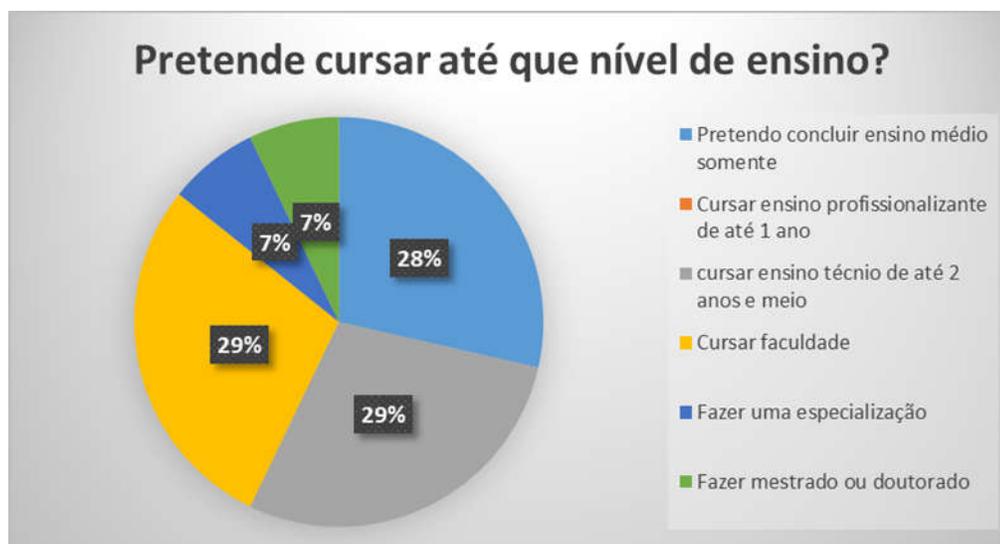


Gráfico 19. Pretende cursar até que nível de ensino? (meninas)

Com relação às meninas a situação é bastante parecida, só que o percentual daqueles que buscam o ensino profissionalizante e técnico se equilibram assim com aquelas que pretendem cursar uma faculdade ou ir mais além.

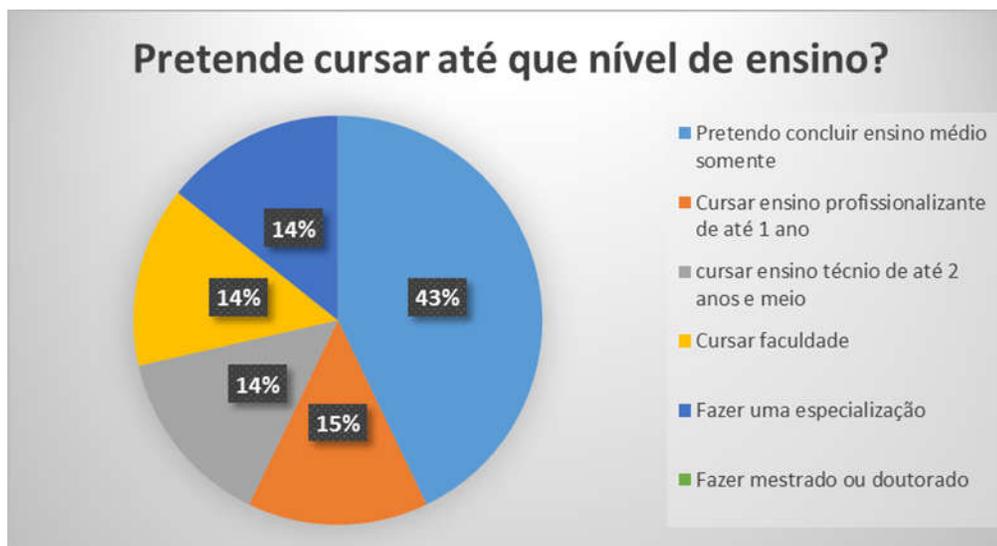


Gráfico 20. Como pretende pagar os estudos (meninos)?

Muitos contarão com ajuda dos pais (cerca de 21%) e outros irão trabalhar para pagar os estudos (21%). Mas a grande maioria não pretende continuar estudando ou não alimenta o desejo de seguir adiante nos estudos.



Gráfico 21. Como pretende pagar os estudos (meninas)?

Entre as meninas o percentual daquelas que não prosseguirão nos estudos é ainda maior assim como com relação as que irão adiante pensam em trabalhar para custear os estudos.

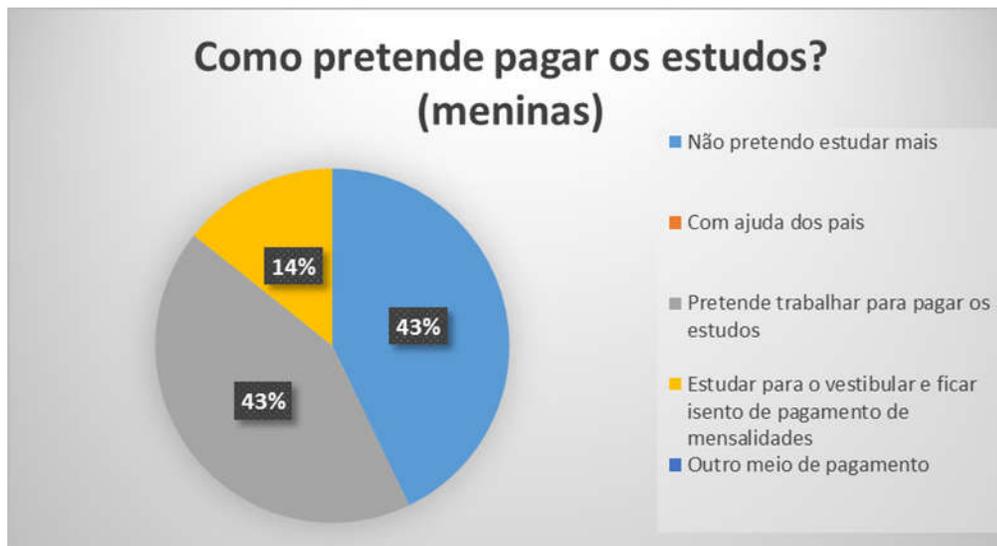


Gráfico 22. Admiração profissional.

Neste gráfico fica evidente que a satisfação pelo trabalho é a busca constante desses meninos. Enquanto que uma parcela significativa valorizam o sucesso profissão como meio de encontrar a riqueza (29%). Com 21% dos entrevistados, verificou-se que firmar-se como profissional e construir um nome no mercado é o mais importante.



Gráfico 23. Admiração profissional

Uma grande parcela das mulheres (57%) pensam na riqueza como forma de encontrar satisfação pessoal e profissional enquanto que 29% delas pensam de forma mais altruísta.

**Gráfico 24.** Área de atuação profissional

Em relação a área de atuação profissional as opiniões são bastante variadas e optam por profissões que estão mais em moda no momento ou mesmo não conseguiram definir o que pretendem atuar que não as propostas neste questionário.

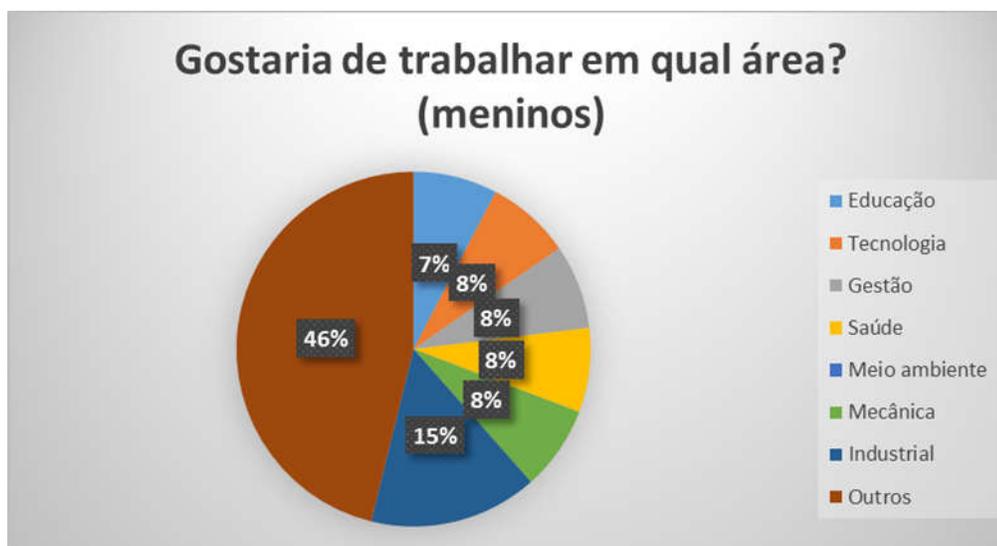


Gráfico 25. Área de atuação profissional

Encontrou-se entre as entrevistadas do sexo feminino a mesma variabilidade e um equilíbrio com relação a profissões não listadas neste gráfico.

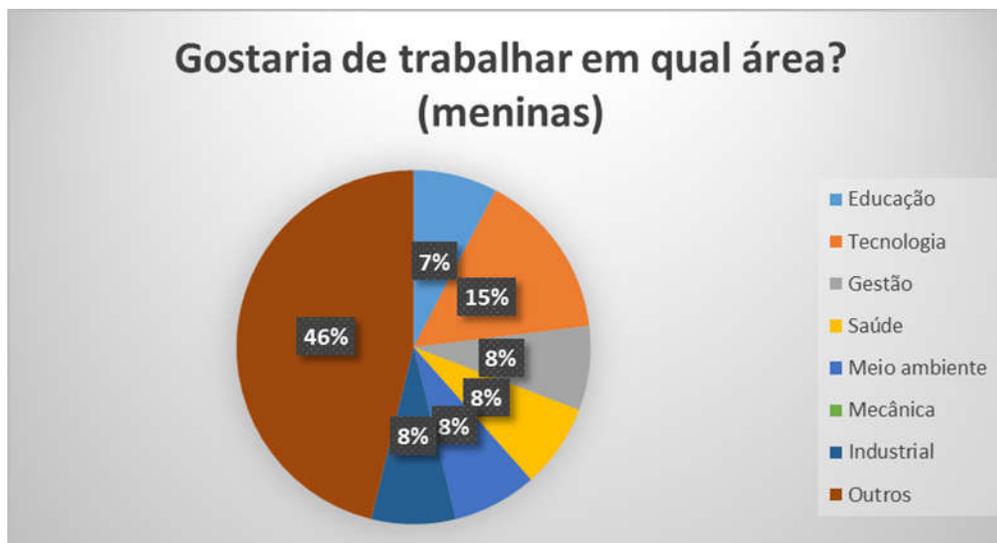


Gráfico 26. Pretensões profissionais (meninos)

Este gráfico revela que quase metade dos meninos e uma parcela um pouco menor (29%) não tem grandes pretensões profissionais na vida o que revela o quadro desanimador com relação as perspectivas de futuro por parte destes.



Gráfico 27. Pretensões profissionais (meninas)

Equilíbrio semelhante se revela também entre as meninas, sendo que uma porcentagem ainda maior delas (55%) se dispõe a realizar qualquer tipo de serviço.



Gráfico 28. Apoio profissional

Como se nota, a maior parte não recebe nenhum tipo de apoio (43%), enquanto que outra parcela tem em seu exemplo a figura dos pais e depois dos amigos.



Gráfico 29. Apoio profissional

Com relação às meninas, a falta de apoio se mostra ainda maior com 62% o que não lhes proporciona nenhuma perspectiva para se sentirem motivadas na escolha de uma carreira.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa conclui-se que muitas foram as conquistas das comunidades negras, principalmente com relação a sua condição na sociedade brasileira.

Entretanto, ainda temos muito o que avançar principalmente em termos de direitos sociais e respeito aos semelhantes. Com a aplicação deste questionário, verificou-se que no caso dos alunos entrevistados, a grande maioria tem baixa perspectiva com relação ao futuro o que revela uma situação preocupante já que de outra forma, dificilmente sairão de sua condição social atual.

Com relação às mulheres a situação se agrava mais uma vez que a maioria delas vive numa situação de dependência de outras pessoas o que lhes impede de conquistar autonomia e crescer profissionalmente.

Essa situação de dependência se mostra ainda mais acentuada com algumas alunas que responderam ao questionário porque mesmo trabalhando, seu salário é inferior aos pares do sexo masculino. Isso deixa bastante evidente a situação de inferioridade duplamente perversa na qual essas mulheres estão submetidas primeiro por ser mulher e segundo por ser negra, não necessariamente nessa ordem.

O questionamento realizado com os alunos deixou claro um quadro de muita dificuldade e algumas situações de superação com relação aos entrevistados. A maioria quando lhes dada a oportunidade, se mostram interessados em transformar a realidade social em que vivem e, principalmente, sua condição social.

Tanto garotos quanto garotas buscam ser felizes e verem seus esforços reconhecidos mas para isso contando apenas com o apoio de alguém que de fato mostre algum tipo de interesse por eles e que dessa forma, esses talentos não sejam desperdiçados, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade e a melhoria na condição de vida das pessoas que ficou bastante claro em diversos momentos na aplicação da entrevista.

Perguntas com relação a escolaridade e também sobre os parentes de seu convívio social mostraram um retrato onde família e alunos se ajudam simultaneamente criando um vínculo ainda mais forte de luta, de busca pelos sonhos e não desistir deles facilmente. Por outro lado, principalmente com relação às mulheres, verificou-se uma situação de conformismo, muitas vezes acomodação até

mesmo por uma falsa sensação de “segurança” em sua condição social atual por já ter como sobreviver minimamente, de modo que elas se sente obrigadas a não se permitir sonhar, ou ambicionar uma situação diferente da que vive.

Com relação aos meninos, talvez por falta de uma orientação familiar, melhores condições de vida estes não alimentam grandes ambições, sequer almejam melhorar sua condição social, haja vista que muitos responderam que irão terminar o estudo onde estão e não buscarão aprimoramento ou qualificação profissional.

Essas questões demonstram que a sociedade brasileira, a começar pelas pequenas comunidades ou cidades como Cambuquira precisam de um olhar mais atento em termos de assistência social haja vista que a vida nestes lugares que sofrem com a estagnação econômica não oferece uma perspectiva de mudança no cenário atual.

Tal situação se agrava mais ainda com relação às minorias étnicas o que demonstra que apesar do alto grau de miscigenação da sociedade brasileira, no caso, tratando do município de Cambuquira, em nada melhorou a condição de negros e pardos no mercado de trabalho e na sociedade como um todo.

Segundo o que se compara, ficou evidente a condição dos alunos negros e pardos com relação a evasão escolar, haja vista que um dos principais sintomas é exatamente a falta de uma perspectiva com relação a o futuro que tem origem em diversos fatores: seja familiar, pessoal, social ou mesmo por opção (VIANNA, 2013)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, M.L. **de movimento negro e democratização da educação**. Grupo de Trabalho Movimentos Sociais e Educação, 1993.

Blog Estadão Geral - 2013, **PM de Campinas determina abordagem de suspeitos de 'cor parda e negra'**. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pm-de-campinas-determina-abordagem-de-suspeitos-de-cor-parda-e-negra,987908>. Acesso em 03/2016.

CASHMORE, E. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro. 2012.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro, Record, 1989.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **“Reflexões sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras”**. Cadernos de Pesquisa (63): 27-29, Fundação Carlos Chagas, novembro de 2012.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MISKOLCI, Richard . **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. Ed UFSCar, 2010.

MUNANGA, K . **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB.UFF, Rio de Janeiro, n.5 , pp. 15-34, 2004.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Jogo de Espelhos**. São Paulo, EDUSP, 2011.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Rita apud THEODORSON, G. A. & THEODORSON, A. G.(1995). **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**.

Sítio Scielo Public Health <http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0034-89101995000400010&script=sci_arttext&tlng=> Acessado em 17 de abril de 2010

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo, Cia Editora Nacional,2011.

VIANNA, Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1933; e **Raça e Assimilação**. São Paulo, Cia Editora Nacional,2013.